

## ITAÚ CULTURAL – UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

**Discentes:** Flora Nakazone RA: 157886

Luíza C. de A. Ladeira RA: 183103

**Docente:** José Armando Valente

Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Artes

### RESUMO

Visitamos quatro atividades que ocorriam no Itaú Cultural a fim de verificar se esse espaço pode ser considerado um ambiente de aprendizagem não formal. Fizemos anotações e entrevistamos pessoas, que responderam afirmativamente quando indagadas se aprenderam com a visita. Por isso, podemos considerar que de fato ocorre um estímulo para adquirir conhecimento nesse local, que ainda conta com diversos recursos tecnológicos, como vídeos, exposição com projetores, entre outros; além de buscar promover interação com os visitantes – usando gavetas e *playlist* com músicas, por exemplo – e criar um ambiente que pudesse acomodar o maior número de pessoas o possível, uma vez que muito do material estava disponível em braile e libras.

**Palavras-chave:** exposição, arte, cultura, aprender, história, tecnologia.

### INTRODUÇÃO

Para o nosso projeto, tínhamos interesse de pensar a aprendizagem em ambientes como galerias e museus, logo, de aprendizagem não formal. Coerentemente com a temática, já pesquisamos em exercícios anteriores nessa disciplina sobre a relação entre o museu, a comunicação e a educação. No artigo “Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições” de Marília Xavier Cury, ela demonstra como os museus, historicamente, mudaram seus focos de trabalho e sua relação com o público. A didática e um público ativo e criativo (e não passivo) passaram a ser o norte da maioria dos museus contemporâneos. (CURY, 2006).

Escolhemos o espaço do Itaú Cultural - instituição privada, que trabalha na difusão e produção de arte e cultura, por meio de suas pesquisas e seus fomentos a cultura, como o edital Rumos. Os eventos em cartaz no museu são *Calder e a Arte Brasileira*, *Ocupação Cartola*, *Cantinho da Leitura e Feirinha de Troca*, *Terça Tem Teatro*, *Por trás da Máscara – 50 anos de Persona*, *Orquestra Jovem Tom Jobim*.

Além disso, o instituto tem uma espécie de acervo permanente que é o Espaço Olavo Setubal, com obras e objetos de diferentes períodos cuja temática é o Brasil. O Espaço forma uma visão que se pretende panorâmica da história canônica do Brasil. Esse espaço tem um caráter educativo acentuada comparado às exposições itinerantes e explora diferentes dispositivos por se tratar dum acervo permanente.

Visitamos o museu em um sábado de manhã, passamos pelas exposições *Ocupação Cartola*, *Calder e a Arte Brasileira*, *Por trás da Máscara – 50 anos de Persona* e *Espaço Olavo Setubal*, nessa ordem. Podemos verificar que o ambiente do Itaú Cultural é um espaço de aprendizagem, e cada uma de suas exposições explora diferentes métodos para permitir essa ação. Além disso, o espaço cultural está presente em diferentes plataformas online – e indicam isso pelo espaço físico que visitamos – como Snapchat, Spotify, Facebook, Twitter, Instagram e Youtube, além de um site e um blog. Entre essas plataformas, o canal do Youtube é talvez o mais eficaz em termos de possibilitar aprendizado - partindo de nossa experiência visitando as plataformas que o espaço participa – havendo palestras, apresentação das exposições em cartaz

– com linguagem em libras – entrevistas complementares às exposições e programas, entre outros.

No dia de nossa visita, soubemos que havia educadores que fazem visitas de grupo guiadas em 3 horários durante o sábado, por todas as exposições; além disso, cada andar, que abriga uma exposição diferente, conta com um funcionário do espaço que pode nos dar informações menos completas, mas ainda assim potencialmente novas, sobre a exposição que eles estão cobrindo.

## **OBJETIVOS**

**Geral:** caracterizar e verificar se o espaço Itaú Cultural é um ambiente de aprendizagem em um contexto não formal.

### **Específicos:**

1. Selecionar e estudar matérias bibliográficas para fundamentar investigação.
2. Ir até a Avenida Paulista, onde se encontra o espaço Itaú Cultural.
3. Participar da programação do Itaú Cultural disponível.
4. Fazer anotações a respeito das observações feitas durante a realização das atividades.
5. Entrevistar ao menos uma pessoa a fim de verificar se ocorreu a aprendizagem.
6. Analisar o material obtido.
7. Redigir um documento relatando como se dá a aprendizagem no Itaú Cultural.
8. Disponibilizar esse relatório na plataforma Teleduc.

## **METODOLOGIA**

Foi feita uma pesquisa-ação, qualitativa, descritiva e explicativa, a fim de verificar se o Itaú Cultural é um ambiente de aprendizagem. Para tal, estudamos alguns artigos disponibilizados na bibliografia da disciplina para aprender mais sobre educação e comunicação. Com isso em mente, fomos até a Avenida Paulista, onde se encontra o Itaú Cultural e frequentamos as quatro atividades que estavam disponíveis naquele dia. Visitamos primeiro a exposição *Ocupação Cartola* e em seguida vemos a primeira parte de *Calder e a Arte Brasileira*. Seguimos para *Por Trás da Máscara – 50 anos de Persona* e depois, diferentemente do previsto na proposta, fomos ao Espaço Olavo Setubal e, por fim, para as duas últimas partes da exposição *Calder e a Arte Brasileira*.

Ao chegar em cada um dos espaços, anotamos descrições do local assim como o que está lá e como a exposição estava organizada. Por exemplo, no Espaço Olavo Setubal, observamos que havia objetos dentro de vitrines de vidro com textos explicativos, assim como gavetas que possibilitam a interação com os visitantes, que poderiam puxá-las e descobrir novos conteúdos.

Depois de analisarmos o lugar e escrever nossas observações, pedimos para que uma ou duas pessoas de cada exposição nos respondessem se aprenderam alguma coisa com aquela visita. No total, conversamos com quatro mulheres e um homem, que foram escolhidos aleatoriamente. Achamos importante entrevistar apenas pessoas que estivessem saindo da exposição, pois assim poderiam nos falar sobre suas opiniões sobre o espaço em geral e a chance de terem aprendido algo seria maior do que a de uma pessoa que ainda estivesse fazendo a visita. Como o Itaú Cultural possuía claras intenções didáticas – e a notamos devido aos textos explicativos na parede e diversas telas com documentários e depoimentos – não achamos necessário entrevistar um número maior de visitantes. Além disso, como chegamos no momento de sua abertura, o Itaú Cultural ainda estava pouco habitado e, em algumas exposições, foi preciso esperar um longo momento para ter a chance de entrevistar algum visitante.

É importante destacar também que, durante nossa pesquisa, trocamos várias observações e impressões entre nós. Além disso, ambas notamos que algumas de nossas entrevistadas nos ofereceram detalhes da exposição que não tínhamos percebido anteriormente.

Assim, depois de nossa visita, conversamos sobre as atividades que fizemos e cada uma escolheu duas exposições para escrever a respeito no presente artigo. Quando terminados, juntamos nossas partes e o disponibilizamos na plataforma Teleduc.

## **RESULTADOS**

### **Ocupação Cartola**

A *Ocupação Cartola* nos chamou a atenção por ser a que mais possuía recursos para deficientes. Logo na entrada, encontrava-se uma planta da exposição, explicando o que havia em cada local, inclusive em braile. Ao entrarmos, nos deparamos com um projetor que passava um documentário, assim como uma televisão com vídeo do Rio de Janeiro em 1908 e com auxílio para surdos. Havia várias telas com depoimentos que poderiam ser ouvidos por meio de fones ou em libras e algumas delas ainda estavam dentro de caixa de madeira que lembravam a caixas de som antigas.

Além disso, encontramos diversos painéis informativos, exposição de fotos com legendas e de documentos, inclusive de composições manuscritas de Cartola. Uma das coisas que nos chamou a atenção foi a disponibilização de uma *playlist* de músicas do autor e ao seu lado, um aparelho que possibilitava às pessoas com deficiência auditiva sentir as vibrações de cada canção.

Também encontramos uma pequena cozinha com mesas onde os visitantes poderiam sentar e se sentir no restaurante de Cartola. O espaço ainda era revestido com azulejos que continham textos explicativos.

Ao andarmos para “a sala”, nos deparamos com uma televisão antiga que passava o encontro entre Cartola e seu pai. Perto dela, havia uma pequena tela que transcrevia o áudio do filme para libras.

Quando saímos da exposição, entrevistamos uma senhora que nos confirmou ter aprendido com a exposição. Ela confessou que antes não tinha conhecimento das atividades de Cartola antes da fama e de certos detalhes de sua vida.

### **Calder e a Arte Brasileira**

A exposição ocupa 3 andares, cada um com pequenas variações próprias, mas mantendo muitas características iguais. Por essa razão, entrevistamos somente uma pessoa, que alegou ter aprendido informações novas na exposição. Foi uma entrevista interessante, pois aprendemos sobre o Calder com ela: ela disse que nunca se interessou muito por Calder por uma aproximação de sua obra do design, o que ela via como uma banalização desinteressante. Porém, na exposição, ela nos relatou que viu pela primeira vez várias obras ao vivo e que se surpreendeu com os trabalhos, que revelaram uma faceta do artista que para ela era obscura. Não sabíamos da aproximação de Calder com o design, na exposição não tinha nenhuma menção a isso.

Os espaços continham informações em português e em inglês e algumas obras contavam com vídeo-guias, alguns deles com tradução para libras; em cada andar da exposição tinha um funcionário do Itaú que poderia agir como guia na exposição.

No primeiro andar que visitamos, as obras eram dispostas no espaço branco e claro como se esse fosse uma tela em branco. Não havia uma narrativa ou imersão – o espaço privilegiava a obra como único estímulo sensorial na homogeneidade do espaço. Havia uma obra com opção

interativa que não estava funcionando quando fomos, que o público podia abanar cubos de papel numa gaiola. Não era permitido fotografar as obras e havia uma sala para o público, em que podíamos construir o espaço como desejássemos. Era isso que estava escrito, sem mais instruções.

No segundo andar, havia lugar para sentar com um vídeo do Hélio Oiticica com legendas para deficientes auditivos; também havia um vídeo guia com tradução em libras disponível.

No terceiro andar, havia informações em inglês e português, mistura de quadros e esculturas, frases do Calder pelas paredes, um vídeo do ballet da Lygia Pape, um vídeo com libras sobre Calder e uma orquestra e um filme de um artista com um nicho próprio, lugar para sentar e meio isolado do resto do espaço.

Essa exposição vai se diferenciando ao longo dos andares. No primeiro andar, com a composição de tela em branco, parece que se preocupa menos com o didatismo e com a recepção do público – especialmente de um público leigo – do que os outros andares, que misturavam diferentes formas artísticas e tinham maior dinâmica. Podemos notar que no segundo andar, o público era bem mais variado – em termo de faixa etária e habilidades motoras – mas não é possível determinar um padrão de público somente com essa observação – permanece a hipótese, porém. O som desses lugares também variava – apesar de ter um espaço para o público sentar no primeiro andar, ele era o mais silencioso. Nos outros andares, podíamos ouvir as conversas e trocas entre os visitantes.

### **Por trás da Máscara – 50 anos de Persona**

Essa exposição faz parte de uma parceria com a Mostra Internacional de Cinema e é uma comemoração do aniversário de 50 anos do filme de Ingmar Bergman. A exposição contava com informações em inglês e em português. Foi criado um ambiente imersivo na atmosfera do filme com cores preto e branco (como o filme), som de uma voz feminina cantarolando algo sem letra (as protagonistas do filme são mulheres), hologramas de personagens do filme espalhados em tecidos verticais pelo espaço, informações sobre a Suécia, a biografia de Bergman, documentos originais com anotações – como um diário do diretor, pedaços do roteiro, um livro que aparece no filme – evidenciando o processo de feitura e pensamento do filme – objetos do filme, máscaras, imagens dispostas num grande cubo iluminado, citações da Susan Sontag analisando o filme, uma televisão com uma passagem que Sontag cita fotos dos bastidores, cartazes de *Persona* de filmes influenciados por ele, e um curta em um nicho imersivo chamado *O prólogo de Persona: um poema em imagens*. Além disso, o filme foi exibido na semana de abertura da exposição e é permitido fotografar no local.

É possível notar que há intencionalidade pedagógica nessa exposição. Infere-se que o público é internacional e possui equipamentos com câmera fotográfica e Internet. A exposição funciona tanto para entusiastas do filme quanto para aqueles que não o conhecem – caso da nossa entrevistada. Ela considerou que aprendeu na exposição, pois não conhecia nem o filme nem o diretor, mas conhecia filmes que o citavam de alguma maneira – ela mesma já citou um plano famoso e não sabia que o “original” era de *Persona*, fato que descobriu nessa exposição. Pelo espaço da exposição, aprendemos sobre os participantes do filme, especialmente o diretor, sobre o local de feitura, sobre as influências dele: as máscaras são usadas para retomar a psicanálise e a Grécia Antiga. As informações são dispostas de forma complementar, de alguma maneira: o início da exposição, aparecem dados mais gerais sobre a Suécia, no meio há as máscaras com objetos do filme e o cubo de fotografias, no meio-pro-fim, há uma citação de Susan Sontag o analisando, que informam sobre a importância dele – devido a relevância cultural de Sontag – e explicam a televisão ao lado, com uma imagem de um monge praticando autoimolação, algo que foi relevante para o diretor.

Também perto de Sontag, havia um nicho com um filme sobre *Persona*, perto de cartazes do filme e filmes que foram influenciados pelo longa. É feito um movimento de imersão no filme, de dados mais gerais não relacionados a ele diretamente, a dados mais específicos, e depois repercussões dele, que são exteriores a ele.

As tecnologias permitem a criação do ambiente imersivo e dessa espécie de roteiro que guia a exposição, além de possibilitar que tenhamos informações e vivências que seriam perdidas se traduzidas por uma mídia de tecnologia mecânica. A exemplo do vídeo da autoimolação do monge e o curta-metragem que analisava *Persona*.

### **Espaço Olavo Setubal**

Preenchendo dois andares, é um dos maiores da exposição e também um dos mais didáticos. O Espaço Olavo Setubal é dividido em sessões e reúne diversos objetos do passado brasileiro, desde a época colonial até o Movimento Modernista, sempre dando destaque à interação com os visitantes.

Assim que chegamos, a parede cheia de desenhos de animais envoltos em vidro nos chamou a atenção. Na entrada, havia textos explicativos, incluindo uma breve biografia de Olavo Setubal.

Lá dentro, no primeiro andar, encontramos uma vasta exposição de livros antigos,; além de moedas, desenhos do Brasil, com destaque à fauna e à flora – os índios, inclusive, foram retratados como parte da fauna pelos colonizadores –, os primeiros mapas do Brasil; pinturas de paisagens brasileiras, sobretudo de sua costa; gravuras de índios e retratos de seus costumes; fósseis e outros objetos.

A maior parte deles vinha acompanhada de textos explicativos. As moedas, inclusive, contavam com um manual ilustrado de como se dava a cunhagem na época. Outro objeto que nos chamou a atenção foi uma caixinha de um explorador contendo fósseis e pedras, que estava acompanhada de um texto contando sua história.

O segundo andar expõe desenhos e pinturas do mar e da costa brasileiras, destacando um grande panorama da baía do Rio de Janeiro. Havia litografias da cidade, e diversos quadros de paisagens brasileiras e de figuras da corte. Encontramos, também, portas com o nome de figuras históricas ou de família dos que governaram um país. Quando abertas, revelam alguns objetos, gravuras e moedas pertencentes à pessoa ou pessoas, possibilitando uma interessante forma de interação com os visitantes. Havia, também, diversas medalhas, livros e moedas do rei e de imperadores; além de retratos das pessoas escravizadas, documentos da república, obras pioneiras da imprensa, jornais – com destaque ao Manifesto Antropofágico – e livros, incluindo a primeira edição de diversos clássicos da literatura brasileira, como *Sentimento do Mundo* de Carlos Drummond de Andrade e *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Expunha-se até mesmo alguns manuscritos e partituras de grandes autores brasileiros. Por fim, também estavam disponíveis gavetas que os visitantes poderiam puxar e encontrar mais objetos, azulejos e obras de arte.

A saída de cada andar exigia que passássemos por um corredor onde encontramos um panorama de telas com desenhos que se moviam. No primeiro andar, havia aves na altura dos olhos e criaturas terrestres e aquáticas na altura dos pés. No segundo, passamos por um mar cheio de navios. As exposições também contavam com diversas telas com vídeos e textos em inglês e português, possibilitando o aprendizado de um maior número de pessoas.

Entrevistamos um casal que nos respondeu que aprendeu com a visita, enaltecendo que ficaram chocados com o fato de alguns índios terem sido levados para a Europa a fim de serem expostos como seres exóticos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Depois de visitarmos o espaço Itaú Cultural, participarmos de quatro de suas atividades e entrevistarmos seus visitantes a fim de descobrir se aprenderam, concluímos que este local pode ser considerado um espaço de aprendizagem.

Há nele uma clara intenção didática, e podemos notá-la pelos diversos textos, vídeos, imagens, objetos, entre outros, a fim de cumprir sua função de informar. Há também uma grande preocupação em tornar a exposição o mais acessível o possível. O local conta com traduções para o inglês, para o braile e para libras, além de elevadores. Também encontramos monitores em todas as exposições e fomos informadas de que havia visita guiada em horários determinados.

A tecnologia ali também foi bastante presente. Três das quatro exposições oferecia projeção de filmes, televisões e telas pequenas com películas sobre o assunto. Todas as pessoas que entrevistamos nos afirmaram que aprenderam com sua visita, e a maioria delas até deu detalhes bastante extensos sobre suas novas descobertas. Nós mesmas, inclusive, fomos capazes de aprender ao fazer nossas observações e conversar com os presentes.

É importante ressaltar que não só havia um desejo de informar por parte do Itaú Cultural, mas também de promover a interação com os visitantes. Muitos dos recursos presentes ali – vídeos com fones de ouvido, gavetas, visitas guiadas – eram opcionais e incentivavam a participação dos visitantes.

Não havia certificação de aprendizagem, por isso o consideramos um espaço de aprendizagem não formal.

Embora tenhamos passado bastante tempo ali e ter feito diversas observações, ainda pensamos que poderíamos ter mais a acrescentar caso houvesse mais exposições disponíveis ou caso tivéssemos ido até lá em outros dias. Também poderíamos ter entrevistado um maior número de pessoas, mas devido ao horário e à extensão das atividades, não tivemos muitas oportunidades de falar com um número grande de visitantes. Entretanto, atingimos com sucesso o nosso objetivo de verificar se o Itaú Cultural pode ser considerado um espaço de aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS**

CURY, Marília Xavier. Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições. *UNIrevista*, v. 1, nº 3, jul. 2006. Disponível em: <http://ltc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Cury,%202006.PDF>. Acesso em 31/08/2016.